

THOMAS PYNCHON

# O arco-íris da gravidade

*Tradução*

Paulo Henriques Britto

*2ª edição*



Copyright © 1973 by Thomas Pynchon

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Gravity's Rainbow

*Capa*

Hélio de Almeida

*Preparação*

Cristina Penz

*Revisão*

Ana Maria Barbosa

Carmen S. da Costa

Cláudia Cantarin

Carlos Alberto Inada

Maria Prado

Pedro J. Ribeiro

*Coordenação editorial*

Página Viva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Pynchon, Thomas

O arco-íris da gravidade / Thomas Pynchon ; tradução Paulo  
Henriques Britto. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras,  
1998.

Título original: Gravity's Rainbow.

ISBN 978-85-7164-799-2

1. Romance norte-americano I. Título.

---

98-2834

CDD-813,5

---

Índices para catálogo sistemático:

- |  |       |
|--|-------|
| 1. Romances : Século 20 : Literatura norte-americana | 813,5 |
| 2. Século 20 : Romances : Literatura norte-americana | 813,5 |

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)

*Para Richard Fariña*

## 1. ALÉM DO ZERO

*A natureza não conhece a extinção, só a transformação. Tudo o que a ciência me ensinou, e continua a me ensinar, reforça minha crença na continuidade de nossa experiência espiritual após a morte.*

Wernher von Braun



Um grito atravessa o céu. Já aconteceu antes, mas nada que se compare com esta vez.

É tarde demais. A Evacuação ainda continua, mas é tudo teatro. Não há luzes dentro dos vagões. Não há luz em lugar nenhum. Acima de sua cabeça elevam-se vigas velhas como uma rainha de aço, e em algum lugar lá no alto vidro que deixaria entrar a luz do dia. Mas é noite. Ele tem medo do modo como o vidro vai cair — em breve —, vai ser um espetáculo: o desabamento de um palácio de cristal. Porém caindo na escuridão total, sem nenhum lampejo de luz, só um grande estrondo invisível.

Sentado dentro do vagão, que tem vários níveis, imerso numa escuridão de veludo, sem nada para fumar, ele sente metal mais perto e mais longe rangendo e estalando, baforadas de vapor escapulindo, uma vibração na carroceria do vagão, uma expectativa, uma inquietação, todos os outros comprimindo-se a sua volta, os fracos, carneiros da segunda leva, todos desprovidos de sorte e tempo: bêbados, velhos ex-combatentes ainda em estado de choque por efeito de tiros de canhões obsoletos há 20 anos, vigaristas com trajes de cidade, vagabundos, mulheres exaustas com mais filhos do que parece possível uma pessoa ter, empilhados junto com as outras coisas a ser conduzidas à salvação. Só os rostos mais próximos são visíveis, e mesmo assim como imagens vagas num visor, rostos esverdeados de VIPs entrevistados por detrás de janelas à prova de bala disparando pela rua...

Começaram a andar. Vão em fila, saindo da estação principal, do centro da cidade, rumo aos bairros mais velhos e desolados. É por aqui que se sai? Rostos voltam-se para as janelas, mas ninguém ousa perguntar, não em voz alta. Chove. Não, não se trata de um desvencilhar, e sim de um *emaranhamento* — passam por baixo de arcos, entradas secretas de concreto podre que apenas pareciam ser o trevo de um viaduto... uns cavaletes de madeira escurecida deslizam lentamente por cima deles, e já começaram os cheiros de carvão de um passado distante, cheiros de nafta no inverno, em domingos em que não havia tráfego algum, das formações feito coral, de uma vitalidade misteriosa, em torno das curvas cegas e desvios desertos, um cheiro azedo de vagões ausentes, de ferrugem velha, a crescer naqueles dias cada vez mais vazios, luminosos e profundos, especialmente ao amanhecer, com sombras azuis selando sua passagem, tentando reduzir os acontecimentos ao Zero Absoluto... e quanto mais avançam mais pobre é tudo a sua volta... cidades secretas e decrépitas dos pobres, lugares com *nomes que ele nunca ouviu antes*... paredes destruídas, cada vez menos telhados, cada vez menos possibilidades de luz. A estrada, que devia abrir-se numa outra mais larga, em vez disso é cada vez mais estreita, mais quebrada, com esquinas cada vez mais fechadas, até que de repente, cedo demais, eles se veem debaixo do arco final: uma freada e um sacolejo terrível. É um juízo que não permite recurso.

A caravana parou. É o fim da linha. Todos os evacuados recebem ordem de saltar. Andam devagar, mas sem opor resistência. Aqueles que os conduzem têm na cabeça rosetas cor de chumbo, e não falam. É algum hotel enorme, velhíssimo, escuríssimo, uma extensão de ferro dos trilhos e chaves que os trouxeram até aqui... Luminárias globulares, pintadas de verde-escuro, que há séculos não são acesas, pendem dos beirais de ferro trabalhado... a multidão avança sem murmúrios nem tosses por corredores retos e funcionais como os de um depósito... superfícies de um negro aveludado envolvem esta movimentação: um cheiro de madeira velha, de alas remotas há anos abandonadas recém-reabertas para armazenar este amontoado de almas, de reboco frio onde todos os ratos morreram, só restam seus fantasmas, imóveis como pinturas rupestres, teimosos e luminosos nas paredes... os evacuados são levados em grupos, num elevador — um andaime móvel de madeira, aberto em todos os lados, suspenso por cordas velhas sujas de breu e roldanas de ferro fundido com raios em forma de S. Em cada andar pardacento, saltam e entram passageiros... milhares de cômodos silenciosos sem luz...

Alguns aguardam a sós, alguns dividem os quartos invisíveis com outros. Invisíveis, sim, pois que importa a mobília nesta etapa dos acontecimentos? Os sapatos pisam a sujeira mais velha da cidade, as últimas cristalizações de tudo que a cidade negara, ameaçara, mentira a seus filhos. Cada um ouve uma voz, que lhe dá a impressão de falar só para ele, dizendo: “No fundo você não acreditava que ia ser salvo. Ora, a esta altura todos nós já sabemos quem somos. Ninguém jamais iria se dar ao trabalho de salvar você, meu caro...”.

Não há saída. É deitar-se e esperar, em silêncio. O grito se sustenta no céu. Quando vier, virá na escuridão ou trará sua própria luz? A luz virá antes ou depois?

*Mas já é dia.* Há quanto tempo estará claro? Esse tempo todo a luz estava entrando, filtrada, juntamente com o ar frio da manhã que agora roça seus mamilos: começa a revelar um amontoado de vagabundos bêbados, uns de uniforme, outros à paisana, agarrados a garrafas vazias ou quase vazias, um jogado sobre uma cadeira, outro encolhido dentro de uma lareira fria, outros esparramados em diversos divãs, tapetes empoeirados e chaises-longues, nos diferentes níveis da sala enorme, roncando e ofegando em diversos ritmos, num coro incessante, enquanto a luz londrina, luz hibernal e elástica, cresce entre as faces das janelas de caixilhos, cresce entre as camadas da fumaça da noite passada que ainda paira, a dissipar-se, entre as vigas enceradas do teto. Todos esses supinos, esses companheiros de luta, têm rostos rosados de camponeses holandeses sonhando com a ressurreição certa nos próximos minutos.

O nome dele é capitão Geoffrey (“Pirata”) Prentice. Está embrulhado num cobertor espesso, um padrão axadrezado escocês laranja, vermelho-ferrugem e escarlate. Tem a sensação de que seu crânio é de metal.

Exatamente acima dele, a quatro metros de altura, Teddy Bloat está prestes a cair do balcão, tendo resolvido apagar no lugar exato onde alguém, num acesso grandioso, semanas antes, havia arrancado a pontapés dois dos balaústres de ébano. Agora Bloat, num estupor, está saindo por esta abertura, cabeça, braços, torso, até que a única coisa que o mantém lá no alto é uma meia-garrafa vazia de champanhe, no bolso da calça, que se enganchou em algo —

A esta altura, o Pirata conseguiu semierguer o corpo em sua estreita cama de solteiro e olhar à volta, piscando. Que merda. Que merda desgraçada... Ouve pano rasgando sobre sua cabeça. A Seção de Operações Especiais o ensinou a reagir rápido. Ele se levanta de um salto e chuta a cama, que vai rolando sobre os rodízios em direção a Bloat. Bloat despenca e acerta bem no meio da cama, com um grande estrondo de molas. Uma das pernas se quebra. “Bom dia”, observa o Pirata. Bloat responde com um rápido sorriso e adormece de novo, aconchegando-se no cobertor do Pirata.

Bloat é um dos moradores deste lugar, uma casinha construída no início do século, não muito longe da Chelsea Embankment, por Corydon Throsp, um conhecido dos Rossetti que usava batas de crina e gostava de cultivar plantas medicinais no telhado (uma tradição recentemente retomada pelo jovem Osbie Feel), algumas delas resistentes o bastante para sobreviver a nevoeiros e geadas, porém a maioria tendo retornado, em forma de fragmentos de alcaloides peculiares, à terra do telhado, juntamente com o estrume de três porcas de raça ali guardadas pelo sucessor de Throsp, e folhas mortas das muitas árvores decorativas transplantadas para o telhado por moradores subsequentes, e mais uma ou outra refeição indigesta ali jogada ou vomitada por este ou aquele epicurista sensível — tudo misturado, com o passar do tempo, pelas facas das estações, até reduzir-se a um empaste, com muitos centímetros de

profundidade, de um húmus incredivelmente negro no qual em se plantando tudo dá, inclusive bananeiras. O Pirata, desesperado com a escassez de bananas causada pela guerra, resolveu construir uma estufa de vidro no telhado, e convenceu um amigo que percorria a rota Rio—Ascensão—Fort-Lamy a lhe trazer uma ou duas mudas de bananeira, em troca de uma câmara fotográfica alemã, se o Pirata conseguisse arranjar uma em sua próxima missão de paraquedismo.

O Pirata tornou-se famoso por seus Cafés com Bananas. De toda a Inglaterra vêm comensais, até mesmo uns que têm alergia ou nutrem ódio à banana, só para assistir — pois a política das bactérias, a arte do solo de combinar anéis e cadeias em redes que só Deus entende, já permitiu a produção de frutas de até quarenta e cinco centímetros de comprimento, por mais inacreditável que possa parecer.

No banheiro, o Pirata mija, sem nenhum pensamento na cabeça. Então embrulha-se numa túnica de lã que ele usa do avesso para manter oculto o bolso dos cigarros, se bem que isso não adianta muito, e contornando os corpos cálidos de seus amigos vai até a porta de vidro, sai no frio, geme quando as obturações dos dentes se enregelam, sobe uma escada espiral até o jardim no telhado e fica parado algum tempo, contemplando o rio. O sol ainda está abaixo do horizonte. Parece que vai chover, mas por ora o ar está anormalmente límpido. A grande central elétrica e o gasômetro ao longe destacam-se com precisão: cristais formados no bécher da manhã, chaminés, respiradouros, torres, canos, emissões tortuosas de vapor e fumaça...

“Hhahh”, um grito surdo e o Pirata fica vendo seu hálito dissipar-se sobre os parapeitos, “hhaahhh!” Telhados dançam na manhã. Suas bananas gigantescas pendem em cachos de um amarelo radiante ou verde úmido. Lá embaixo seus companheiros sonham babando com um Café com Bananas. Este dia bem esfregado não vai ser pior que os outros —

Será mesmo? Ao longe, ao leste, onde o céu está rosado, acaba de surgir um lampejo muito forte. Uma estrela nova, no mínimo. O Pirata debruça-se sobre o parapeito para ver. O ponto brilhante já se transformou numa linha vertical branca. Deve estar acima do mar do Norte... pelo menos... sobre extensões de gelo e um sol que é um mero borrão frio...

O que será? Coisas assim nunca acontecem. Mas o Pirata sabe o que é, pensando bem. Ele já viu num filme, há umas duas semanas... é uma esteira de vapor. Já subiu mais um dedo. Mas não é um avião. Avião não sobe na vertical. Esta é a nova bomba-foguete, ainda secretíssima, dos alemães.

“Tem correspondência chegando.” Terá cochichado a frase ou apenas pensado? Aperta o cinto esfarrapado do roupão. Bem, dizem que esses foguetes têm uns 300 quilômetros de raio de ação. Não se pode ver uma esteira de vapor a 300 quilômetros, não é?

Ah. Ah, sim: além da curvatura da Terra, mais ao leste, o sol, que acaba de nascer na Holanda, está atingindo a descarga do foguete, gotas e cristais, dando-lhes um brilho que se vê do outro lado do mar...



A linha branca, abruptamente, parou de subir. Deve ser o combustível que acabou, o fim da combustão, como é mesmo que eles dizem... Brennschluss. Nós não temos um termo para isso. Ou então é secreto. A extremidade da linha, a estrela vista de início, já começa a sumir no vermelho do amanhecer. Mas o foguete vai chegar aqui antes que o Pirata veja o sol nascer.

A esteira, borrada, ligeiramente dividida em duas ou três direções, paira no céu. O foguete, agora movido por pura balística, já subiu mais. Porém invisível agora.

Não deveria ele fazer alguma coisa?... ir à sala de operações em Stanmore, eles devem estar vendo nos radares da Mancha — não: não dá tempo, na verdade. Menos de cinco minutos de Haia até aqui (o tempo que se leva para ir à casa de chá na esquina... que o sol leva para atingir o planeta do amor... quase instantâneo). Correr para o meio da rua? Avisar os outros?

Colher bananas. Ele atravessa a terra negra adubada em direção à estufa. Sente que está prestes a cagar. O míssil, a uma altitude de cem quilômetros, deve estar chegando no ápice da trajetória... começando a cair... *agora...*

Treliças perfuradas pela luz do dia, vidraças leitosas brilham benévolas. Como poderia haver um inverno — até mesmo este — tão cinzento que pudesse envelhecer esse ferro capaz de cantar no vento, ou nublar essas janelas que dão para uma outra estação, embora preservada do modo mais artificial?

O Pirata olha para o relógio. Não registra nada. Os poros de seu rosto espetam. Esvaziando a mente — tal como aprendeu no Comando — penetra o clima úmido da estufa, começa a colher as bananas melhores e mais maduras, levantando as pontas da túnica e acolhendo-as lá. Dando-se o direito de contar só bananas, caminhando de pernas nuas entre os cachos pendentes, em meio àqueles lustres amarelos, naquele lusco-fusco tropical...

Depois, volta para o inverno lá fora. A esteira de vapor desapareceu totalmente do céu. O suor no rosto do Pirata é quase tão frio quanto gelo.

Ele leva algum tempo para acender um cigarro. Não vai ouvir o barulho da coisa chegando. Ela é mais rápida que a velocidade do som. Primeiro a gente sente a concussão. Depois, se não tiver morrido, ouve o barulho.

E se ela atingisse *exatamente* — ahh, não — por uma fração de segundo daria para sentir a ponta, seguida de uma massa terrível, atingindo o topo do crânio...

O Pirata curva os ombros e desce a escada-espiral com as bananas.



Atravessar um pátio de azulejos azuis, abrir uma porta e entrar na cozinha. Rotina: ligar na tomada o liquidificador ganho de um americano no verão passado, bela partida de pôquer, valendo apostar tudo, um alojamento de oficiais solteiros lá para os lados do norte, não lembra mais onde agora... Cortar algumas bananas em rodela. Fazer café na cafeteira. Pegar lata de leite na geladeira. Purê de bananas com leite.

Maravilha. *Eu forraria todos os estômagos da Inglaterra corroídos pelo álcool...* Um pouco de margarina, o cheiro ainda está bom, derreter na frigideira. Descascar mais bananas, fatiar agora longitudinalmente. Margarina fervendo, jogar as longas fatias na frigideira. Acender forno *vuuff* um dia ainda vai explodir e a gente vai junto, ah, ah, ah. Colocar bananas descascadas inteiras na grelha assim que esquentar. Procurar marshmallows...

Trôpego, Teddy Bloat entra com o cobertor do Pirata na cabeça, escorrega numa casca de banana e cai de bunda. “Me matar”, resmunga.

“Deixe que os alemães fazem isso por você. Adivinha o que eu acabo de ver.”

“Aquele V-2 a caminho?”

“A4, sim.”

“Eu vi pela janela. Uns dez minutos atrás. Esquisito, não é? Não ouvi nada depois, você ouviu? Deve ter caído antes. No mar, sei lá.”

“Dez minutos?” Tentando ver a hora no relógio de pulso.

“No mínimo.” Bloat está sentado no chão, enfiando a casca de banana na lapela do pijama como se fosse uma flor.

O Pirata vai ao telefone e resolve ligar para Stanmore, afinal. Tem que passar por toda aquela rotina interminável de sempre, mas sabe que já não acredita no foguete que viu. Deus colheu-o daquele céu sem ar, para ele, como se fosse uma banana de aço. “É o Prentice, vocês pegaram alguma coisa vinda da Holanda ainda há pouco? Ah-ah. Ah-ah. É, nós *vimos* daqui.” Com essas e outras, a gente perde a vontade de ver o dia nascer. Desliga o telefone. “Perderam de vista antes da costa. Estão dizendo que é Brennschluss prematuro.”

“Não desanime”, disse Teddy, voltando para a cama arrebitada. “Outros virão.”

Bloat velho de guerra, sempre otimista. Por uns segundos, o Pirata, esperando a conexão com Stanmore, estava pensando: Passou o perigo, o Café com Bananas está salvo. Mas é só um adiamento. Não é? Sem dúvida, outros virão, todos com a mesma probabilidade de cair em cima dele. Ninguém, nem deste lado do front nem do outro, sabe quantos mais virão exatamente. Será que vamos ter que parar de olhar para o céu?

Osbie Feel está no balcão, segurando uma das maiores bananas do Pirata de tal modo que ela sai da braguilha de seu pijama listrado — acariciando com a outra mão a grande curva amarela em ritmo de tresquiálteras enquanto em  $\frac{4}{4}$ , virado para o teto, saúda o amanhecer assim:

Levanta essa bunda do chão,

(come uma banana)

Escova os dentes e vai matar alemão.

Diz adeus pro João Pestana,

Chega de sonho por hoje,

Pede a Betty Grable pra esperar

Até essa guerrinha acabar,  
Depois vai ser bacana  
Andar à paisana  
(come uma banana)  
Tomar champanhe e beijar madame  
Mas enquanto os alemães não criam juízo  
O jeito é abrir um belo sorriso,  
E, como dissemos em outra ocasião,  
Levanta logo essa bunda do chão!

Há uma segunda estrofe, mas, antes que tenha tempo de começá-la, o saltitante Osbie é agarrado e espancado, entre outras coisas com sua própria bananona, por Bartley Gobbitch, DeCoverley Pox e Maurice Reed (vulgo “Saxofone”), entre outros. Na cozinha, marshmallows comprados no mercado negro deslizam lânguidos para dentro da calda na panela do Pirata, e logo começam a ferver, grossos. O café está quase pronto. Em cima de uma placa de madeira roubada de um pub, numa ousada operação à luz do dia, por Bartley Gobbitch em pleno porre, na qual ainda se leem entalhadas as palavras BICO E SETA, Teddy Bloat está amassando bananas com um facão isósceles, e com uma das mãos o Pirata retira a pasta amarelada debaixo dessa lâmina nervosa e a joga dentro da massa de waffle recendente a ovos frescos, que Osbie Feel trocou por um número igual de bolas de golfe, as quais neste inverno são ainda mais raras do que ovos de verdade, com a outra mão batendo a mistura, sem vigor excessivo, com um batedor de arame, enquanto Osbie, emburrado, levando à boca a toda hora uma garrafinha de leite cheia de Vat 69 com água, cuida das bananas na frigideira. Perto da saída que dá no pátio azul, DeCoverley Pox e Joaquin Stick estão parados junto a um modelo em escala do monte Jungfrau, em concreto, que algum entusiasta na década de 20 passou um ano inteiro pacientemente modelando, preparando o molde, para por fim descobrir que era grande demais para passar por qualquer porta, batendo nas encostas da famosa montanha com sacos de água quente de borracha vermelha cheios de cubos de gelo, com a intenção de fazer gelo picado para os frappés de banana do Pirata. Com barba da véspera, cabelo emaranhado, olhos vermelhos e mau hálito miasmático, DeCoverley e Joaquin são deuses depauperados tentando impulsionar uma geleira retardatária.

Em outros cômodos da casa, outros companheiros de bebedeira desvencilham-se de cobertores (um deles tentando evitar que o vento o enfune, sonhando com paraquedas), mijam nas pias dos banheiros, miram-se com desânimo em espelhos de barbear côncavos, jogam água a esmo nas cabeças onde já rareiam os cabelos, encolhem as barrigas para pôr seus talins, lustram sapatos para protegê-los da chuva mais tarde com mãos já cansadas do movimento, cantam trechos de canções populares cujas melodias nem sempre conhecem direito, deitam-se, acreditando deste modo se aquecer, nas raras poças de sol que entram por entre as fasquias dos caixi-

lhós, começam sem muito ânimo a falar sobre o trabalho que deverão estar fazendo dentro de menos de uma hora na tentativa de suavizar a transição do repouso para a atividade, lambuzam os rostos e os pescoços de creme de barbear, bocejam, tiram ouro do nariz, vasculham armários ou estantes em busca do pelo do cachorro que, não sem alguma provocação e muito condicionamento prévio, os mordeu na véspera.

Agora espalha-se pela casa, substituindo o cheiro noturno de fumaça velha, álcool e suor, o odor frágil e musáceo do Café com Bananas: perfumado, penetrante, surpreendente, mais do que a cor do sol hibernal, avassalador menos por pungência bruta ou volume do que pela alta complexidade do entrelaçamento de suas moléculas, compartilhando o segredo de prestidigitação por meio do qual — embora seja raro a Morte ser mandada à merda de modo tão explícito — as cadeias genéticas vivas revelam-se labirínticas o bastante para preservar algum rosto humano por dez ou vinte gerações... assim, a mesma afirmação-via-estrutura permite que a fragrância bananosa desta manhã se espraie, reafirme-se, predomine. Por que não escancarar todas as janelas e deixar que este olor benéfico envolva toda Chelsea? Como um sortilégio contra corpos cadentes...

Com um grande estrépito de cadeiras, caixotes de munição na vertical, bancos e divãs, a turba do Pirata reúne-se às margens da grande mesa do rancho, uma ilha meridional a alguns trópicos de distância das frias fantasias medievais de Corydon Throsp, as volutas escuras de seus veios de nogueira cobertas agora com omeletes de banana, sanduíches de banana, tortas de banana, bananas amassadas moldadas em forma de um leão rampante como o do brasão da Inglaterra, banana com ovos como massa de rabanada, esguichada de uma bisnaga de modo a escrever, sobre a trêmula e cremosa superfície de um manjar de banana, as palavras *C'est magnifique, mais ce n'est pas la guerre* (atribuídas a um observador francês durante a carga da Brigada Ligeira), que o Pirata adotou como seu lema... galhetas altas de pálido xarope de banana para ser despejado sobre waffles de banana, um gigantesco jarro vitrificado onde rodela de bananas estão fermentando desde o verão, misturadas com mel bruto e uvas moscatel em passa, do qual se pode agora retirar, nesta manhã de inverno, conchas de hidromel de banana... croissants de banana e kreplach de banana, aveia com banana e geleia de banana e pão de banana, e bananas flambadas no conhaque envelhecido que o Pirata trouxe ano passado de um porão nos Pireneus onde havia também um transmissor de rádio clandestino...

O telefone, quando por fim toca, rasga com facilidade a sala de um lado a outro, as rressacas, as brincadeiras bestas, o barulho dos pratos, a conversa fiada, as risadas sardônicas, como um grosseiro peido duplo metálico, e o Pirata sabe que só pode ser para ele. Bloat, o que está mais próximo, atende, com uma garfada de bananas glacês elegantemente suspensa no ar. O Pirata toma um último gole de hidromel, sente-o descendo pela garganta, fechando-a como uma válvula, como se fosse tempo, o tempo em sua tranquilidade estival, e engole.

“Seu patrão.”

“Não pode”, geme o Pirata. “Eu ainda nem fiz minhas flexões matinais.”

A voz, que ele só ouviu uma vez antes — no ano passado, quando foi receber instruções, mãos e rosto enegrecidos, anônimo entre dezenas de outros ouvintes —, diz a Pirata que há uma mensagem dirigida a ele, aguardando em Greenwich.

“Veio de uma maneira muito interessante”, diz a voz aguda e ranzinza. “Não tenho nenhum amigo inteligente assim. A *minha* correspondência vem pelo correio. Venha aqui pegar, Prentice.” O fone bate no gancho com violência, a conexão é interrompida, e agora o Pirata sabe onde foi cair o foguete daquela manhã, e por que não houve explosão. Correspondência chegando, sim. Seu olhar atravessa os arcobobantes de sol, pousa nos companheiros no refeitório, chafurdando na abundância de bananas, as espessas palatais da fome alheia perdidas em algum ponto da estrada de manhã entre eles e ele. Uns cem quilômetros, de repente. A solidão, mesmo em meio às malhas desta guerra, quando quer consegue agarrá-lo pelas tripas cegas com um toque possessivo, tal como agora. De novo Pirata está do outro lado de uma janela, vendo desconhecidos tomando o café da manhã.

Quem o leva, dirigindo o Lagonda verde amassado, passando pela ponte Vauxhall, rumo ao leste, é seu ordenança, um tal cabo Wayne. A manhã parece esfriar à medida que o sol sobe no céu. Nuvens começam a juntar-se, afinal. Uma tropa de engenharia do exército americano espalha-se pela rua, rumo a alguma ruína próxima, cantando:

Tá...

Mais frio que o nariz de um anãozinho de jardim!

Mais frio que um balde de títica de pinguim!

Mais frio que pentelho do cu de urso polar!

Mais frio que mamilo de uma bruxa má!

Não, eles fazem de conta que são narodniki, mas *eu* sei que são de Iasi, de Co-dreanu, são gente *dele*, homens da Liga, eles... matam para ele — fazem *juramento*! Eles tentam me matar... magiares da Transilvânia, que conhecem *sortilégios*... à noite eles cochicham... Bem, hm, ha, ha, não é que o Mal do Pirata o está atacando outra vez, quando ele menos espera, como sempre — vale a pena explicar aqui que boa parte do que os dossiês chamam de Pirata Prentice é um estranho talento para — é, para penetrar nas fantasias dos outros: saber arcar com o fardo de *administrar* tais fantasias, no caso as de um monarquista romeno exilado que talvez possa vir a se tornar muito necessário num futuro muito próximo. É um dom que a Firma acha extremamente útil: neste momento, líderes e outras figuras históricas mentalmente sãs são indispensáveis. Não poderia haver uma maneira melhor de drenar-lhes o excesso de ansiedade do que fazer uma outra pessoa assumir seus pequenos devaneios cansativos por eles... e viver nas suaves luzes verdes de seus refúgios tropicais, nas brisas que atravessam suas cabanas, beber seus drinques, mudar de lugar para ficar de

frente para as entradas dos lugares públicos que eles frequentam, impedindo que sua inocência sofra mais do que já sofreu... ter ereções por eles, por efeito de pensamentos que os médicos consideram impróprios... temer tudo, tudo que eles não podem se dar ao luxo de temer... lembrar as palavras de P. M. S. Blackett: “Não se pode administrar uma guerra ao sabor das emoções”. É só cantarolar a musiquinha idiota que eles ensinaram, e tentar não fazer merda:

Sou — eu — o —

Sujeito que sonha as fantasias dos outros,

Sofre o que eles tinham que sofrer —

Não importa essa menina no meu colo —

E daí se o Kruppingham-Jones se atrasar para o chá...

Eu nem pergunto por quem o sino...

[Agora com uma porrada de tubas e trombones a várias vozes]

Não importa, desde que haja periiiiigo,

Que o Perigo é um telhado de onde eu já caí —

Um dia desses eu vou e não volto mais, gente,

Esquece do drinque que um dia eu paguei pra ti,

É só mijar na minha cova e tocar pra frente!

Então ele dá pulinhos de um lado para o outro, levantando bem os joelhos e rodopiando uma bengala que tem no castão a cabeça, o nariz, a cartola e tudo o mais de W. C. Fields, uma bengala certamente mágica, enquanto a banda toca a segunda parte. Ao mesmo tempo, tem-se uma fantasmagoria, de verdade, correndo em direção à tela, por cima das cabeças dos espectadores, pelos trilhos de uma elegante seção transversal vitoriana que lembra o perfil de um cavalo de xadrez concebido de modo floreado, mas não vulgar — depois afastando-se da tela, indo e vindo, as imagens mudando de escala tão depressa, de modo tão imprevisível que de vez em quando vem um pouco de verde-lima junto com a rosa, como se diz. As cenas são momentos representativos da carreira do Pirata como fantasista substituto, e remontam ao tempo em que ele levava, aonde quer que fosse, a marca da Insensatez da Juventude crescendo de uma mancha mongólica inconfundível bem no meio de sua cabeça. Por algum tempo, ele tinha consciência de que certos episódios que sonhava não poderiam ser seus. Não com base em nenhuma rigorosa análise diurna do conteúdo, mas simplesmente porque ele *sabia*. Até que um dia conheceu, pela primeira vez, o verdadeiro dono de um sonho que ele, o Pirata, tinha sonhado: foi junto a um bebedouro num parque, uma fileira muito longa e regular de bancos, uma sensação de mar logo além de uma beira ornada com ciprestes pequenos, passeios de cascalho cinzento que parecem tão macios para se dormir deitado neles como a aba de um chapéu

de feltro, e eis que surge um marginal babão e esfarrapado, esse que todo mundo tem medo de encontrar, e para para ficar vendo duas bandeirantes tentando ajustar a pressão do bebedouro. Elas se debruçam, sem se dar conta, as gracinhas petulantes, da visão fatal de calcinhas de algodão branco que exibem, as curvas inferiores de bundinhas tenras que abalam o Cérebro Genital, por mais alcoolizado que esteja. O vagabundo riu e apontou, olhou para o Pirata e então disse uma coisa extraordinária: “Hein? Bandeirantes bombeando água... *teu som será a noite sibilante...* hein?”, olhando diretamente para o Pirata e mais ninguém, sem nenhum fingimento... Pois bem, o Pirata havia sonhado com aquelas exatas palavras duas madrugadas atrás, pouco antes de despertar, elas faziam parte da lista comum de prêmios conferidos num Concurso que se tornava cada vez mais concorrido e perigoso, brotado de alguma invasão do breu das ruas... ele não lembrava direito... em pânico, replicou: “Vá embora senão eu chamo a polícia”.

Isso resolveu o problema imediato. Porém mais cedo ou mais tarde alguém descobriria seu dom, alguém para quem esse dom tivesse importância — o Pirata tinha uma antiga fantasia, esta sua mesmo, uma espécie de melodrama à Eugène Sue, em que ele era sequestrado por uma organização de bandoleiros hindus ou mafiosos sicilianos, e utilizado para fins indizíveis.

Em 1935 teve seu primeiro episódio sem estar imerso em qualquer estado de sono convencional — foi durante sua Fase Kipling, ferozes carapinhas até onde o olhar alcança, filaríoses e leishmaníoses dizimando os soldados, um mês sem cerveja, rádio sofrendo interferência de outras Potências interessadas em se tornar senhores desses negros horrendos, sabe Deus por quê, todo o folclore acabou, não tem mais Cary Grant gozador a pôr remédio de elefante dentro do ponche... nem mesmo um Árabe Com Narigão Seboso para virar alvo de imitações, como naquele clássico nostálgico que todo soldado inglês conhece... não admira que numa tarde mosquenta, às quatro horas, de olhos bem abertos, em meio ao cheiro de cascas de melão putrefacientes, ao som da septuagésima-sétima-milionésima repetição do único disco do posto, Sandy MacPherson interpretando ao órgão “The changing of the guard”, o Pirata se visse bem no meio de um suntuoso episódio oriental: pulando a cerca e escapulindo para a cidade, para o Bairro Proibido. E ali adentrando por acaso uma orgia presidida por um Messias que ninguém ainda reconheceu, e percebendo, ao olhar nos olhos dele, que ele é seu João Batista, seu Natão de Gaza, que cabe a ele convencê-lo de sua divindade, proclamá-lo aos outros, amá-lo tanto de amor profano como em Nome do que ele é... uma fantasia que não poderia pertencer a outro que não H. A. Loaf. Há pelo menos um Loaf em toda unidade, Loaf é o que sempre se esquece de que os seguidores do Islã não gostam que tirem instantâneos deles na rua... Loaf é o que pede emprestada a sua camisa e aí, tendo consumido os cigarros dele, encontra o cigarro ilegal no seu bolso e o acende na cantina em pleno meio-dia, e logo está cambaleando de um lado para o outro com um sorriso pateta no rosto, chamando pelo primeiro nome o sargento comandante da seção de polícia. Assim, é

claro que, quando o Pirata faz a bobagem de confirmar a fantasia com Loaf, não demora para que todos os altos escalões fiquem sabendo de tudo. E tudo é registrado no dossiê, e por fim a Firma, em sua incansável busca por habilidades negociáveis, o convoca a Whitehall, para observá-lo em transe do outro lado dos campos azuis de feltro da terrível jogatina de papel, os olhos dele revirados para dentro, lendo velhos grafites gravados nas grutas de suas próprias órbitas...

Nas primeiras vezes não aconteceu muita coisa. As fantasias eram interessantes mas não pertenciam a ninguém importante. Mas a Firma é paciente, tem planos a Longo Prazo. Por fim, numa noite londrina bem sherlock-holmesiana, o cheiro inconfundível de gás chegou às narinas do Pirata vindo de um lampião de rua apagado, e à sua frente brotou do fog uma gigantesca forma orgânica. Cuidadosamente, com seus sapatos pretos, pé ante pé o Pirata aproximou-se da coisa. Ela começou a avançar, deslizante, em sua direção, lerda como uma lesma sobre as pedras do calçamento, deixando um rastro luminoso de um muco que não podia ser nevoeiro. No espaço entre eles havia um desvio entre linhas de bonde que o Pirata, por ser um pouco mais rápido, foi o primeiro a atingir. Horrorizado, recuou tão logo o fez — porém uma identificação como aquela não é reversível. *Era uma Adenoide gigantesca*. Pelo menos do tamanho da catedral de S. Paulo, e crescendo cada vez mais. Londres, talvez toda a Inglaterra, corria um risco mortal!

Este monstro linfático outrora bloqueara a distinta faringe de lorde Blatherard Osmo, que na época era responsável pela seção de Novi Pazar no Ministério de Relações Exteriores, uma penitência obscura por cem anos de política britânica referente à Questão Oriental, pois deste sanjak obscuro outrora dependera todo o destino da Europa:

Ninguém nem sabe onde fica no mapa,  
E no entanto deu a maior confusão!  
Montenegrinos e sérvios também  
Todos querendo alguma solução —  
Meu bem, meu amor, me faz minha mala,  
Escova meu terno que eu vou viajar  
Imediatamente  
No Expresso do Oriente  
Rumo ao sanjak de Novi Pazar!

Uma fileira de coristas jovens, perfeitamente núbéis, com um traje provocante de barretinas e botas de cano alto, dançam um pouco neste trecho, enquanto alhures lorde Blatherard Osmo é *assimilado* por sua própria Adenoide crescente, uma transformação horrível de plasma celular muito além da capacidade explicativa da medicina do início do século... em pouco tempo cartolas cobrem as praças de Mayfair, perfume barato para sem dono no East End iluminado pelos pubs enquanto a Adenoide procede em sua sanha, não engolindo vítimas a esmo, não senhor, a diabólica



criatura tem um *plano geral*, só escolhe certas personalidades que lhe são úteis — há uma nova eleição, uma nova preterição à solta na Inglaterra que faz com que o Ministério do Interior se entregue a acessos histéricos e dolorosos de indecisão... ninguém sabe o que fazer... tenta-se sem muita convicção evacuar Londres, faetontes negros numa disparada de formigas atravessam as pontes de treliça, balões de observação posicionam-se no céu. “Está lá em Hampstead Heath, parada, *respirando*, que nem... entrando e saindo...” “Algum tipo de *som*?” “Sim, uma coisa horrível... parece um nariz *enorme* cheio de muco, fungando... espere aí, agora está... começando a... ah, *não*... ah, meu Deus, não dá para descrever, é tão mons...” o fio se parte, a ligação cai, o balão eleva-se no azul-esverdeado do amanhecer. Vêm equipes do Cavendish Laboratory e instalam no Heath ímãs imensos, terminais de arco voltaico, negros painéis de controle de ferro cheios de mostradores e manivelas, o exército aparece, todo equipado para o combate, munido de bombas do mais recente gás mortífero — a Adenoide é bombardeada, eletrizada, envenenada, ela muda de cor e forma aqui e ali, nódulos amarelos de gordura aparecem no topo das árvores... diante do pipocar dos flashes das câmaras da Imprensa, um horrendo pseudópode verde estende-se em direção ao cordão de isolamento formado pelos soldados e de repente *chlop!* dizima todo um posto de observação com um dilúvio de um asqueroso muco alaranjado que *digere* os infelizes — os quais morrem não gritando, e sim rindo, se divertindo à grande...

A missão do Pirata/Osmo é estabelecer contato com a Adenoide. A situação estabilizou-se, a Adenoide ocupa todo o St. James’s Park, os prédios históricos desapareceram, órgãos do governo foram transferidos para outros lugares, porém estão de tal modo dispersos que a comunicação entre eles é muito incerta — carteiros em ação são arrancados da rua por tentáculos de um bege fluorescente, cobertos de protuberâncias duras, fios de telégrafo são derrubados pelos movimentos imprevisíveis da Adenoide. Todos os dias, pela manhã, lorde Blatherard Osmo põe seu chapéu-coco, pega sua pasta e vai ter com a Adenoide, para fazer sua *démarche* diária. A coisa está tomando seu tempo de tal modo que ele já começa a descuidar de Novi Pazar, e o Ministério preocupa-se. Nos anos 30, ainda tinha muita força a teoria do equilíbrio das potências, os diplomatas todos sofriam de balcaníase, espiões com nomes estrangeiros híbridos ocultavam-se em todos os postos instalados no que restava do Império Otomano, mensagens em código em uma dúzia de línguas eslavas eram tatuadas em lábios superiores onde depois os agentes deixavam bigodes crescer, a ser raspados apenas por oficiais criptógrafos autorizados, e em seguida os cirurgiões plásticos da Firma colocavam implantes de pele sobre as mensagens... seus lábios eram palimpsestos de carne secreta, cheia de cicatrizes, de uma alvura artificial, e era assim que todos se reconheciam.

De qualquer modo, Novi Pazar ainda era uma *croix mystique* na palma da mão da Europa, e o Ministério finalmente decidiu pedir ajuda à Firma. A Firma sabia exatamente a quem recorrer.

Durante dois anos e meio, o Pirata ia diariamente visitar a Adenoide de St. James's Park. Quase enlouqueceu. Embora tivesse conseguido elaborar um pidgin através do qual ele e a Adenoide se comunicavam, infelizmente faltavam-lhe os recursos nasais necessários para produzir os sons da maneira correta, de modo que a coisa lhe dava muito trabalho. Enquanto os dois zanzavam para cá e para lá, alienistas de paletós negros com sete botões, admiradores do dr. Freud, claramente inúteis quando se tratava de lidar com a Adenoide, subiam em escadas encostadas nos asquerosos flancos cinzentos da criatura, despejando a nova droga maravilhosa, a cocaína, *baldes* cheios da substância branca, revezando-se, do alto da escada, para lambuzar aquele ser glandular e latejante, cheios de toxinas a fervilhar malignas dentro de suas criptas, sem obter qualquer efeito visível (mas sabe-se lá como a *Adenoide* se sentia, hein?).

Porém lorde Blatherard Osmo finalmente conseguiu dedicar todo o seu tempo a Novi Pazar. No início de 1939, foi encontrado misteriosamente asfixiado numa banheira cheia de pudim de tapioca, na casa de uma Certa Viscondessa. Alguns viram nisso a mão da Firma. Meses passaram-se, a Segunda Guerra Mundial começou, anos se passaram, não vinha notícia alguma de Novi Pazar. O Pirata Prentice salvara a Europa do Apocalipse Balcânico com que sonhavam os velhos, estremecendo de espanto em suas camas — mas não da Segunda Guerra Mundial, é claro. Mas a essa altura a Firma só permitia ao Pirata pequeníssimas doses homeopáticas de paz, apenas o suficiente para manter suas defesas em estado de alerta, mas não o bastante para envenená-lo.



Está na hora do almoço de Teddy Bloat, mas hoje o almoço vai ser, *eca!*, um sanduíche de banana molenga embrulhado em papel encerado, o qual ele está colocando dentro de seu elegante bernal de couro de canguru, acomodando-o entre diversos artigos necessários — microcâmara de espionagem, pote de cera para bigodes, lata de Meloídeos para uma Voz Melodiosa de alcaçuz, mentol e pimenta, óculos escuros de grau de aros de ouro à general MacArthur, duas escovas de cabelo de prata imitando a espada flamejante do Supreme Headquarters Allied Expeditionary Force, que sua mãe mandou fazer na Garrard's e que ele considera uma gracinha.

Nesta tarde úmida de inverno, sua meta é uma casa de pedra cinza, nem grande nem histórica o bastante para constar de qualquer guia de Londres, na Grosvenor Square, suficientemente recuada para se tornar invisível da rua, um pouco deslocada do corredor de órgãos governamentais ligados à guerra. Quando as máquinas de escrever fazem uma pausa (às 8h20 e outras horas míticas) e não há aviões de bombardeio americanos sobrevoando a cidade, e o trânsito não está muito pesado na Oxford Street, dá para ouvir pássaros hibernais chilreando lá fora, comendo nos porta-alpistes instalados pelas moças.

As lajes do pavimento estão escorregadias de neblina. Estamos no meio do dia,